

ambiente

Fundo para proteger Amazônia faz 10 anos em meio a elogios e ressalvas

Maior financiadora, Noruega faz balanço positivo, mas ONGs criticam uso da verba para o Ibama

Fabiano Maisonave

OSLO (NORUEGA) Em meio a um raro dia quente na Escandinávia, noruegueses, brasileiros e alemães se reuniram nesta terça-feira (26) em Oslo para debater os dez anos do Fundo Amazônia, o maior projeto de cooperação internacional para preservar a floresta amazônica.

Um balanço positivo predominou na fala dos participantes, que incluiu os ministros do Meio Ambiente do Brasil, Edson Duarte, e da Noruega, Ola Elvestuen, principal representante do país responsável por 93,3% dos R\$ 3,1 bilhões do fundo, gerido pelo BNDES. As ONGs ambientalistas presentes, porém, criticaram o uso da verba para cobrir cortes no Ibama.

“Tem sido definitivamente um sucesso”, disse Elvestuen à Folha. “Vem funcionando bem na Amazônia e também é um modelo para trabalhar em outros países.”

Ao contrário da visita de Michel Temer há cerca de um ano, quando o governo brasileiro recebeu duras críticas por sua política ambiental, o tom do governo norueguês desta vez foi elogioso.

O principal motivo da mudança de humor foi a redução de 12% no desmatamento em 2017, principal indicador do fundo.

No ano anterior, o desflorestamento havia dado um salto de 29%, acendendo o sinal amarelo na Noruega sobre a eficiência da ajuda ao Brasil.

Foi por isso que, no ano passado, às vésperas da visita de Temer, o então ministro do Clima e Meio Ambiente norueguês, Vidar Helgesen, enviou carta ao governo bra-

+ **O QUE É O FUNDO**
Instrumento de captações criado em 2008 pra financiar ações de preservação ambiental e combate ao desmatamento. É administrado por um comitê formado por governos federal e estaduais e sociedade civil; BNDES faz a gestão dos recursos

sileiro na qual demonstrava preocupação com propostas como a implantação de regras mais frouxas de licenciamento ambiental e a redução na proteção de unidades de conservação.

Em tom duro raro na linguagem diplomática, o ministro afirmou que “aparenta ser falsa” a dicotomia do debate brasileiro que opõe preservação ambiental ao desenvolvimento econômico.

“O Brasil demonstrou na última década que não é necessário haver uma dicotomia entre expandir a produtividade agrícola e a proteção das florestas. E ainda que seja compreensível a pressão pela execução mais eficiente de investimentos em infraestrutura, tampouco precisa ocorrer à custa de normas ambientais”, escreveu na época.

Na época, o então ministro do Meio Ambiente brasileiro culpou o governo Dilma Rousseff pelo salto. “O desmatamento que ocorreu nos últimos três anos é fruto do governo passado. É fruto da falta de orçamento nos órgãos de fiscalização”, disse. “Só Deus pode garantir a queda do desmatamento, mas posso garantir que todas as medidas foram tomadas.”

Mas, desta vez, não faltaram recados por parte do governo norueguês.

O diretor da Iniciativa de Floresta e Clima (NICFI), Per Pharo, diz que é “um bom momento para pensar o que vai acontecer após 2020”, quando termina o acordo atual. Em seguida, defendeu fontes de financiamento do fundo “mais diversas e maiores”, incluindo do setor privado.

“Estamos determinados a

+ **ALGUNS PROJETOS EM ANDAMENTO**

Ibama
Ações de fiscalização do bioma amazônico
R\$ 196,6 milhões*

Estado do Amazonas
Apoio a atividades de fiscalização em 28 terras indígenas
R\$ 16,5 milhões

ONG Instituto Socioambiental (ISA)
Gestão de terras indígenas no Rio Negro (AM) e no Xingu (MT).
R\$ 11,7 milhões

* Dos contratos, assinados em novembro de 2016 e em abril deste ano

continuar como contribuidores confiáveis, mas estamos claramente entrando numa nova época, com novos desafios”, afirmou.

Entre os ambientalistas os dez anos foram celebrados com ressalva. Convidada a falar no evento, a coordenadora do Instituto Socioambiental (ISA) Adriana Ramos.

“O fundo avançou bastante, consegue reconhecer as populações locais como beneficiárias, mas teve uma estratégia de investir em projetos governamentais que canalizaram muito recursos para ações que deveriam ser financiadas pelo orçamento público”, diz Ramos.

Como exemplo, ela cita o dinheiro do fundo destinado à fiscalização do Ibama desde 2016, a maneira encontrada para compensar seguidos cortes orçamentários.

Com o dinheiro, o Ibama financiou o leasing de veículos e o aluguel de helicópteros para fiscalização, desembolsando 91% da alocação de R\$ 56 milhões em um prazo de 12 meses, segundo o relatório de 2017 do Fundo Amazônia. Com isso, as ações na Amazônia aumentaram 250%.

“Não dá para o governo ficar numa situação de conforto, de deixar o fundo bancar o que não deveria bancar”, diz a representante do ISA, que tem um projeto para formular planos de gestão territorial em terras indígenas nas regiões do Xingu (MT) e rio Negro (AM).

Nomes na linha, Tasso Azevedo, coordenador do MapBiomas na ONG Observatório do Clima e arquiteto do Fundo Amazônia, afirmou que o reforço no Ibama não deve ser uma solução permanen-

te. “Temos de ter ideias mais arriscadas para investir para os próximos anos”, afirmou, arancando aplausos dos presentes no evento.

“O Fundo Amazônia foi um mecanismo inovador e precisa estar sempre se renovando. Nos últimos anos houve uma aplicação de recursos para preencher a falta de recursos investimento público em atividades básicas como a fiscalização do Ibama. Isso deve ser tratado como um investimento extraordinário, e o fundo deve se voltar à sua vocação de investimento em inovações sociais, ambientais e econômicas para promover a conservação e uso da floresta em pé”, disse ele.

A Folha, o ministro do Meio Ambiente do Brasil Edson Duarte afirmou que a ajuda do fundo foi fundamental pra interromper o crescimento do desmatamento em 2016. Segundo ele, o pior da crise orçamentária já passou.

“Dinheiro, você recupera. Uma floresta destruída, não”. O cálculo para a doação da Noruega é baseado em resultados — quanto mais redução no desmatamento, maior o valor da doação. Para chegar ao valor, o Ministério do Clima e Meio Ambiente do país escandinavo utiliza um nível de referência de desmatamento em km².

Por isso, houve redução de 58% do aporte norueguês em 2017 em comparação ao ano anterior por causa do salto no desmatamento na Amazônia.

Em 2016, o total repassado ao Brasil foi de 850 milhões de coroas norueguesas (R\$ 397 milhões na cotação atual).

O repórter Fabiano Maisonave viajou a convite da Norad (Agência Norueguesa de Cooperação para o Desenvolvimento)

De onde vem a verba para o fundo

A quantia destinada ao Fundo Amazônia é calculada a partir das taxas de desmatamento

R\$ 3,1 bilhões

Doações recebidas pelo Fundo Amazônia em dez anos

Doadores



58% foi a redução do aporte norueguês em 2017 em comparação ao ano anterior

95

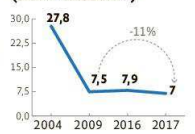
é o número de projetos apoiados pelo Fundo Amazônia

R\$ 1,6 bilhão

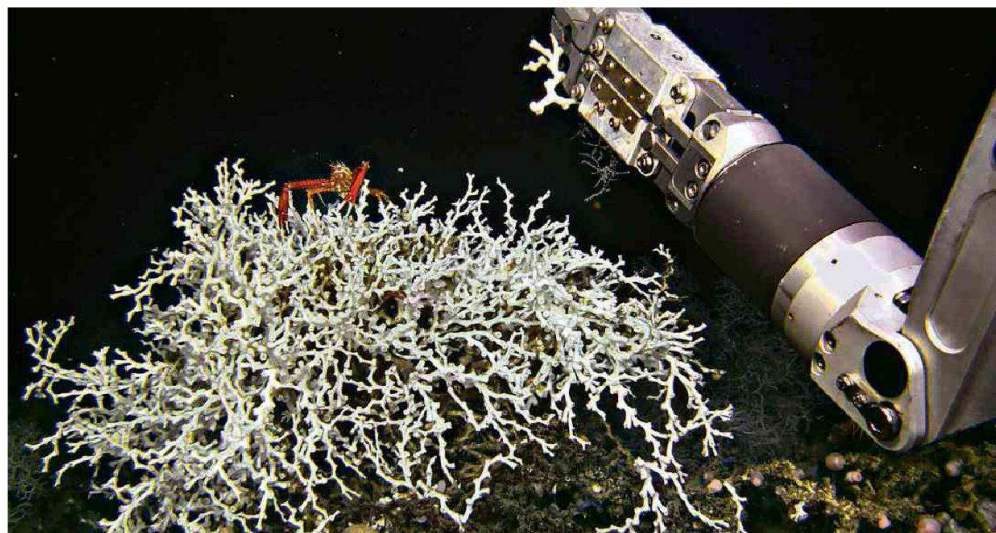
Recursos empenhados



Desmatamento da Amazônia (em milhares de km²)



Fonte: Relatório de Atividades de 2016 e de 2017 do Fundo Amazônia e Inpe (Instituto de Pesquisas Espaciais)



Brço robótico coleta amostra do supercoral *Lophelia pertusa* ECOCIG/OceanEngineering/The New York Times

Cientistas pedem um emoji para os terremotos

Lucas Baranyi

SÃO PAULO Eles são divertidos e ajudam muita gente a se expressar virtualmente. Agora um grupo de cientistas acredita que os emojis podem ajudar a salvar vidas também.

Pesquisadores especializados em terremotos de vários países, como França, Costa Rica, EUA e Reino Unido, iniciaram a campanha “Emojiquake” (quake significa tremor) para criar o emoji de terremotos.

Segundo eles, um emoji específico poderia ser usado por centros de alerta de desastres, que costumam enviar mensagens de SMS para os celulares da região afetada — universal, o emoji poderia quebrar barreiras linguísticas e avisar pessoas que estão em territórios estrangeiros.

Além da oficialização da campanha, criou-se uma competição para definir o símbolo vencedor. Qualquer um pode participar. Os interessados podem enviar suas sugestões pelo email emojiquake@gmail.com até o dia 14 de julho.

Os critérios para a seleção são os seguintes: o emoji precisa evocar a ideia de um terremoto, claramente representando um movimento de terra; ser o menos complexo possível; ser universal e não lembrar, de forma alguma, outro emoji já criado.

Os finalistas serão colocados para votação no próprio Twitter.

UOL

Cientistas estudam como matar corais para salvá-los

Joanna Klein

FILADÉLFIA Em um laboratório cientistas estão estudando como matar um “supercoral”. O objetivo é conseguir entender o impacto das atividades humanas em misteriosos recifes nas profundezas do oceano.

Isso inclui água a 8°C, acidificada — a níveis que muitas outras espécies marinhas não suportariam — com auxílio de bombeamento de dióxido de carbono. Para evitar estresse, os corais eram alimentados à mão.

“Nos dedicamos muito a eles”, diz Alexis Weinnig, estudante de graduação que li-

Até o momento, eles tinham sido mantidos, por quase um ano, em um tanque com condições iguais às do habitat de onde foram tirados.

Os seres humanos são muito bons em matar corais. Nos últimos 30 anos, a pesca predatória, poluição e mudança climática vitimaram cerca de metade dos recifes em águas rasas.

Mas sabe-se muito menos a respeito do impacto humano em recifes do mar profundo. Contudo, adicione a equação perfurações em alto mar e os corais de águas profundas podem estar tão amea-

çados quanto.

Os organismos estudados no laboratório são *Lophelia pertusa*, supercorais abundantes nas águas frias de todo o mundo. A espécie constrói minerais recifes e suportam tanta biodiversidade quanto os recifes de áreas tropicais, servindo de lar para polvos, peixes, crustáceos e tubarões.

Erik Cordes, especialista em ecologia que lidera a equipe no laboratório de Temple, descobriu que a *L.pertusa* consegue suportar estressores industri-

ais e climáticos.

Cordes e Weinnig querem saber quanto a *L.pertusa* consegue suportar. Os resultados da pesquisa ajudarão nos esforços futuros de conservação de vastas áreas das profundezas do oceano.

Cordes afirma que, após entenderem como a espécie responde às mudanças climáticas, eles buscarão saber como ela se comporta perante vazamentos de óleo e aquecimento global.

The New York Times